

3 A 7 DE NOVEMBRO DE 2026

QUEER PORTO

**QUEER PORTO
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE CINEMA QUEER**

**Batalha Centro de Cinema
Casa Comum
Passos Manuel
Cinema Trindade**

queerporto.pt

Queer Porto 12

Festival Internacional de Cinema Queer

Produção



Festival Apoiado por



Coprodução



Apoios à Programação



Patrocinadores de Prémios



Televisão Oficial

Rádio Oficial

Apoios



Parcerias Média



Apoio a Eventos

Parceiro Tecnológico

O GRANDE CINEMA CONTINUA EM CASA



TVCINE

TOP | EDITION | EMOTION | ACTION | TVCINE+

Queer Porto 12

Festival Internacional de Cinema Queer

Índice

- 4 Apresentação
- 6 Júris
- 7 Noite de Abertura
- 7 Noite de Encerramento
- 8 Sessões Especiais
- 9 Competição Oficial
- 12 Competição Curtas-Metragens Portuguesas
- 14 Panorama
- 17 Resistência Queer
- 19 Queer Focus
- 21 Noites no Passos
- 22 Festas
- 23 Calendário de Sessões

Equipa Queer Porto

Direção Artística: João Ferreira
Programação: Ana David, Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, João Ferreira
Direção: Ana David, Cristian Rodríguez
Produção: Ana David, Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez
Assistente de Produção: Caroline Gouveia
Consultoria: António Fernando Cascais
Movimento de Cópias: Lucas de Lima
Hospitalidade: Ana David, Cristian Rodríguez
Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: Ana David, Cristian Rodríguez
Design Gráfico: Ivo Valadares
Motion: Gonzalo Gómez
Website: João Pascoal Studio, After You
Tradução: Ana David, Cristian Rodríguez, João Ferreira
Tradução de Legendas: João Francisco Ferreira, Júlia Veras
Operação de Legendagem: José António Cunha
Volunquers: Alex Godinho, Carolina Pereira, Daniela Venero Covarrubias, Elisa Santana Dominguez, Femke Gunnink, João dos Santos, Jorge Oliveira, José Rosinhas, Nelson dos Santos, Paul Burditch, Riccardo Stifani, Sónia Arcângelo, Vítor Antunes
Música Trailer: Pantha du Prince

Organizado por:

Associação Cultural Janela Indiscreta
Casa do Cinema, Rua da Rosa, 277, 2.º, 1200-385 Lisboa
Tel.: + (351) 91 610 69 04 / info@queerlisboa.pt

Batalha Centro de Cinema

Praça da Batalha 47
4000-101 Porto
Tel. + (351) 225 073 308
Estação Metro: Bolhão
www.batalhacentrodecinema.pt

Bilhete inteiro: 5,00€
3,75€ Bilhete Tripass, pessoas com necessidades específicas
2,50€ Bilhete Cartão Porto., estudantes, +65 anos, pessoas em situação de desemprego

Horário bilheteira:

Quarta, quinta e domingo: das 11h00 às 20h00*
Sexta e sábado: das 11h00 às 22h00*

* Fora do horário acima descrito, a bilheteira abre 45 minutos antes da primeira sessão do dia e mantém-se aberta 30 minutos após o início da última sessão.

Bilheteira online: batalhacentrocinema.bol.pt

Reitoria da Universidade do Porto

Praça de Gomes Teixeira
4099-002 Porto
Tel. + (351) 220 408 000
Estação Metro: São Bento
www.sigarra.up.pt/reitoria

Entrada livre para as sessões do Queer Porto 12, dentro da lotação estipulada.

Passos Manuel

Rua Passos Manuel 137
4000-382 Porto
Tel. + (351) 937 202 918
Estação Metro: Bolhão
www.instagram.com/passosmanuel_

Bilhete inteiro: 5,00€
3,75€ Bilhete Tripass

Bilhetes disponíveis na bilheteira do Passos Manuel, no próprio dia, meia hora antes da sessão começar.

Cinema Trindade

Rua do Almada 412
4050-034 Porto
Tel. + (351) 915 695 279 / 223 162 425
Estação Metro: Aliados
www.cinematrindade.pt

Bilhete inteiro: 7,00€
5,00€ Bilhete Tripass, +65 anos

Horário bilheteira:

Segunda a domingo: das 14h00 às 23h30

Bilheteira online: cinematrindade.pt

Apresentação

“Construir utopias, idealizar futuros”

João Ferreira

“He calls me Cassandra, and says / ‘‘Cause no one will believe / Your prophecies””, Tori Amos, “Shush”

“The Faggots remind us that to become undone is our greatest gift to ourselves”, Tourmaline

Manifesto revolucionário em formato de fábula, o livro “The Faggots & Their Friends Between Revolutions”, de Larry Mitchell, com desenhos da ilustradora Ned Asta, teve a sua primeira edição em 1977, pela mão do próprio escritor, através da criação da Calamus Books, pois à época nenhuma editora nos EUA arriscou a sua publicação. Tendo vivido na Comuna de Lavender Hill, nos arredores da cidade de Ithaca, no norte do Estado de Nova Iorque, Mitchell experienciou na primeira pessoa a urgência utópica da década de 70, com expressão um pouco por todo o mundo ocidental, mas particularmente marcante nos EUA, na altura a braços com a Guerra do Vietname e a convulsão política e social que provocou no país, durante e no rescaldo da Guerra. Contra a tirania do estado e do capital, nasce a vontade e a necessidade de criação de espaços alternativos, à margem desses mesmos estados e capitais e de todos os novos fenómenos políticos, sociais e económicos que eles disseminaram. “The Faggots & Their Friends Between Revolutions” é um livro de profecias. A ação passa-se em Ramrod, onde dominam os “homens” que exercem a tirania sobre todos aqueles que não lhes são semelhantes: as mulheres, os paneleiros, as bichas, os queers, as mulheres que amam outras mulheres, e as mulheres fortes. São estes os arquétipos dos reprimidos, criados por Mitchell, nesta metafórica Ramrod que nos remete para o Império Romano e nos faz espectadores do seu declínio. No cerne da fábula está a ideia de que não é possível lutar contra a repressão do patriarcado sem antes formar uma comunidade que sirva cada uma das suas pessoas com uma rede de afeto e de cuidado. Mas essa comunidade deve também ser autossuficiente, recorrendo o mínimo ao mundo dos “homens”. Como escreve Morgan Bassichis na Introdução à nova edição de 2019, pela Nightboat Books, “No rescaldo do abandono estrutural, da alienação política, da rejeição familiar, da doença crónica, da violência de estado e da negligência médica, é a amizade queer que nos salva” (p. XVI, as traduções são de minha responsabilidade). “The Faggots & Their Friends Between Revolutions” é um manual de ensinamentos, de estratégias de

sobrevivência, um compêndio das vivências queer que resistem à tirania e plantam um espaço utópico. É uma visão de como a masculinidade tóxica, a homofobia, o sexismo, o capitalismo, a assimilação e o patriarcado afetam as vidas de pessoas queer. É um relato desiludido perante a sociedade de então, mas que mágica e pragmaticamente abre caminho à esperança de um espaço-outro: “As mulheres fortes disseram aos paneleiros que há duas coisas importantes a ter em conta em relação às revoluções vindouras. A primeira é que vão dar cabo de nós. A segunda é que venceremos” (p. 21). Mas será que vencemos? Teremos realmente estado atentos a estas profecias? Olhando de novo para este microcosmo das comunas queer nos EUA, a realidade do mundo dos “homens” depressa lhes entrou porta adentro e progressivamente as fez sucumbir nos seus grandes eixos ideológicos e utópicos. Uma expressiva parte dos seus habitantes remigrou para as cidades e, depois de um período de alguma esperança política com a presidência de Carter, eis que entramos nos anos 80 com o mandato de Reagan e com o eclodir da epidemia da sida. Um curioso paralelismo pode ser estabelecido com a realidade portuguesa do pós-25 de abril, que também viveu essa experiência utópica nos anos 70 com as suas comunidades alternativas, associações e cooperativas, novas expressões culturais e experimentos pedagógicos (estes últimos largamente importados do Reino Unido e dos quais fui uma feliz “cobaia”). Paradoxalmente (ou não), a devastação humana que significou a epidemia da sida, desde os anos 80 até pouco mais de meados de 90, obrigou à reabilitação desse sentido de comunidade queer: onde estava a falhar o estado, era preciso tomarmos conta uns dos outros. O associativismo assume novas formas, não raras vezes verdadeiramente revolucionárias e violentas. A comunidade respondia à letra. E nas cidades começam-se a afirmar espaços identitários – centros cívicos e culturais, clínicas, bares, livrarias –, que servem as comunidades, replicando de algum modo a experiência das comunas, também no sentido em que progressivamente chamam a si as questões das alterações climáticas, da ecologia ou da ética alimentar, também presentes no livro de Mitchell.

E não terá sido apenas neste aspeto que os ideais utópicos de 70 deixaram marca nas comunidades e vivências queer. Por um lado, é verdade que o referido renascimento do associativismo a partir dos 80 progressivamente





Mineshaft: the Cruising Murders

caminha na direção de uma série de reivindicações que vão ao encontro de uma vontade de assimilação – nos EUA, a integração de pessoas queer no exército, por exemplo, e pelo mundo ocidental o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em “The Faggots & Their Friends Between Revolutions”, o exército e o casamento eram fenômenos ligados ao heteropatriarcado do mundo dos “homens” de Ramrod. Mas também é verdade que, paralelamente a estes ideais assimilacionistas, foi correndo uma contracultura associativa, herdeira das revoluções de 70, que sempre defendeu a afirmação de uma vivência e cultura próprias e alheias aos modelos heteronormativos, e que continua com grande expressão até hoje. O futuro contido nas utopias de então não foi infrutífero, teve um propósito e reais consequências. No entanto, observando o nosso presente, aqui, hoje, o declínio do Império de Ramrod não é mera ficção se olharmos para esta Europa onde vivemos, berço do Império Romano. Uma Europa que não soube construir-se coletivamente – que reencarnou o “homem” de Ramrod na sua opressão do Outro e assiste passivamente ao renascer do heteropatriarcado e do fascismo. A mesma Ramrod que está também a destruir o planeta e a provocar a aceleração sem retorno das alterações climáticas, como profetizava Mitchell: “A terra, ferida, sulcada, devastada e bombardeada, negará a vida aos homens de modo a detê-los.” (p.53). Em “The Faggots & Their Friends Between Revolutions”, essa vingança da mãe-natureza sobre o “homem” não chega a afetar os paineleiros e as suas aliadas, pois, entretanto, “Os paineleiros abandonaram a realidade dos homens de forma a destruí-la, criando uma nova.” (p. 53). Mas o que ficou hoje dessa nova realidade? Temo que muito pouco. Vivemos esse perigoso retrocesso que ninguém parece conseguir prever até onde vai, e ninguém parece conseguir travar.

Já lá estava tudo escrito. Nas profecias. Em maio deste ano, pude assistir ao concerto da Tori Amos, em Dublin, onde começou a destapar o seu novo álbum, “In Times of Dragons”. O concerto abre com as poderosas palavras de uma nova canção, “Shush”, onde Tori evoca o silenciamento a que somos submetidos pelos poderosos, fala de abuso sexual (Jeffrey Epstein claramente aqui presente), e evoca a figura mítica grega de Cassandra – a quem foi dado o dom, pela mão de Apolo, de conseguir profetizar o futuro, mas em quem ninguém acredita. Nos vários temas do novo álbum estão refletidos – mais ou menos metaforicamente –, os tempos sinistros que vivemos. E, em oposição a esses tempos, uma evocação. Ao ouvir o concerto e o disco, veio-me “The Faggots & Their Friends Between Revolutions” à memória. Contra o heteropatriarcado, Tori constrói um universo – mítico e pagão, mas ao mesmo tempo pragmático e atento –, onde é evocada a

ideia de comunidade e entreajuda como a única arma possível para fazer a revolução, encabeçada pelos dragões, contra os “homens” de Ramrod. Um universo onde não faltam bruxas gay e sororidade feminina, que nos remete para a necessidade de olharmos para trás, de resgatarmos os ensinamentos utópicos de 70 que Mitchell tão bem plasmou no seu livro. É altura de sabermos ouvir as suas profecias.

Como a artista, cineasta e escritora norte-americana, trans e queer, Tourmaline tão bem notou no Prefácio que escreveu para a nova edição do livro: “Os paineleiros recordam-nos que o fracasso é o maior presente que podemos dar a nós mesmos” (p. VIII). E talvez seja altura de nos darmos esse presente de abraçar o fracasso que quase sempre são as utopias. Percebermos que a falha é um elemento estruturante da própria ideia de utopia. Alcançar implica tropeços e retrocessos pelo caminho.

O cinema queer, ao longo da sua história, teve sempre esta necessidade de construir utopias, de idealizar futuros. E foi, e ainda é, também ele, largamente profético. No programa que apresentamos nesta 12.^a edição do Queer Porto, não faltam profecias. A seleção de filmes proposta é prova da imaginação, força e pertinência do cinema queer. Estes filmes, no seu conjunto, poderiam constituir um manifesto com a mesma visão, sentido estético, pujança ativista e observação social da obra de Mitchell. É um cinema que nos faz olhar para trás, para figuras incontornáveis da cultura queer que nos ajudam a compreender o momento presente; que resgata movimentos artísticos e sociais, para nos fazer pensar no que permanece e no que deixámos pelo caminho; que evoca disrupções passadas, que nos fizeram reabilitar um sentido de comunidade e de entreajuda. É um cinema que, também, no seu privilegiado olhar queer sobre o presente, nos alerta e por vezes assusta perante os erros do passado que repetimos no presente; nos empurra a agir e a refletir; nos faz repensar na importância das redes de afeto, da expressão do nosso desejo e da nossa liberdade individual e coletiva. E, contrariando a condenação de Cassandra, é nossa responsabilidade acreditar no que este cinema tem para nos dizer e ensinar. Estes filmes olham o seu (nosso) presente, ao mesmo tempo que imaginam futuros. Projetam aquilo que querem que o (seu) cinema seja, idealizam formas de estar no mundo, traçam modos de olhar a realidade, plasmam vidas e desejos, imaginam identidades e constroem comunidades.

Júri Competição Oficial



Joana Ferraz

Jurista e escritora, trabalha na área jurídica da RTP, onde acompanha e negocia contratos relacionados com produção, direitos de autor, licenciamento e exploração de conteúdos audiovisuais. É também coautora e apresentadora de um programa de rádio na RDP Internacional, *Guia de Viagem*. Em 2011, venceu o Prémio Novos Talentos FNAC com o conto *Maria Uma Breve História*, adaptado para cinema em 2018. Em 2020, publicou o seu primeiro romance, *Cassiopeia*, pela Coolbooks, da Porto Editora. Em 2026 publica *Rosa Almerinda*, pela Urutau. A sua escrita encontra inspiração nas experiências humanas e nas narrativas que emergem do quotidiano.



Joana Gusmão

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (FLUP) com mestrado em Estudos de Texto e Performance (RADA/King's College). Foi coordenadora de produção na Terratre Filmes e, em 2014, cofundou a produtora Primeira Idade onde coproduziu *A Metamorfose dos Pássaros*, de Catarina Vasconcelos, entre outros projetos. Entre 2016 e 2021, trabalhou como diretora de produção e depois como diretora executiva no festival Doclisboa. É programadora do festival Porto/Post/Doc desde 2022. A convite do Batalha Centro de Cinema, programou o ciclo Seleção Nacional, dedicado ao cinema português e à sua história, em conjunto com Carlos Natálio e Luísa Sequeira.



Juan Luis Toboso

Desenvolve projetos curatoriais de forma independente e em colaboração com centros de arte como o IVAM - Instituto Valenciano de Arte Moderna, Culturgest-Porto, Azkuna Zentroa e Artium no País Basco, Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa ou na Trienal de Sarria em Lugo, entre outros. Foi curador da Galeria Municipal do Porto (2019-2024) e júri em prémios de aquisição e concursos internacionais, como na seleção internacional para a XXIV Bienal Internacional das Artes de Cerveira ou na 31.ª edição do Curtas Vila do Conde. É professor na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Zaragoza e professor convidado na ESAP-Escola Superior de Arte do Porto.

Júri Competição Curtas-Metragens Portuguesas



Diogo Nóbrega

Leciona Análise Fílmica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e é investigador do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR). Doutorado pela Universidade NOVA de Lisboa, foi investigador visitante na Scuola Normale Superiore, em Pisa. O seu trabalho situa-se no cruzamento entre cinema, filosofia e teoria política, e tem sido apresentado em conferências internacionais e publicado em revistas de referência de vários países. É autor de *Deleuze e a Perversão Democrática (Figura I)*, Sistema Solar – Documenta, 2025.



Lia Chaves

Natural de Viana do Castelo, é licenciada em Literatura e Estudos Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Estagiou na Casa Comum da Reitoria da UP, onde programou dois eventos de cariz cultural. Atualmente é aluna no Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, na mesma faculdade, onde procura aprofundar os seus conhecimentos nas suas áreas de maior interesse: cinema, literatura e estudos feministas, queer e pós-coloniais.



Mariana Bárto

Vive entre Portugal e a Alemanha. É cineasta, performer e artista multimédia. Concluiu os seus estudos em cinema na KHM - Academy of Media Arts Cologne, em 2020, e licenciou-se na Escola Superior de Dança em Lisboa, em 2008. *As gaivotas cortam o céu*, a sua última curta-metragem, coescrita e corealizada com Guillermo García López, estreou em Cannes no programa da Quinzaine des Cinéastes "Directors Factory, North Portugal". Os seus filmes anteriores, *Mansa* (2021) e *Barbas de Baleia* (2021), foram exibidos em vários festivais internacionais. Encontra-se neste momento a trabalhar nos seus novos documentários experimentais, *À Mesa* e *A morte da noite*.

© João Brites

Noite de Abertura

Garance

A quarta longa-metragem da atriz-tornada-realizadora Jeanne Herry é um retrato de uma jovem e talentosa atriz-trabalhadora, do seu alcoolismo e da sua grande história de amor. Ao longo de um arco temporal de oito anos, aqui condensado em duas intensas horas, seguimos Garance no seu inquieto dia a dia entre o trabalho regular na respeitada companhia de teatro da qual faz parte e os crescentes copos de vinho branco que bebe. Quando o hábito começa a interferir com todas as esferas da sua vida, o muito conhecido contraditório acontece: o consumo aumenta, como forma de se fazer face à ansiedade, ainda que temporariamente, e a recusa em admitir um vício desafia todas as evidências. Adèle Exarchopoulos, que primeiro conhecemos com apenas 19 anos em *La Vie d'Adèle* (2013), oferece mais uma interpretação brilhante, captando essa negação com desarmante honestidade. O seu terno romance com Pauline oferece a Garance uma frágil tábua de salvação e a *Garance* doçura na intensidade. Uma lição em forma de filme sobre como abordar um tema difícil com profunda elegância.

Ana David



Jeanne Herry (França, 2026, 120')
Fic. VO francesa, leg. em português. M/16

Terça-feira 3 novembro
Batalha, Sala 1, 21h30

Noite de Encerramento

Seis Meses en el Edificio Rosa con Azul

Cidade do México, início dos anos 90. No dia em que Bruno cumpre os 11 anos, o pai é diagnosticado com o VIH. Bruno está apaixonado por Vladimir e o pai traveste-se para a sua festa de anos. O pai de Bruno chama-se Mundo. Trinta anos depois, Bruno Santamaría Razo revisita a história da sua entrada na adolescência e o modo surpreendente como a sua família viveu o impacto do VIH/sida. Assumida autoficção, Razo sabe que as memórias são difusas, daí tingir *Seis Meses en el Edificio Rosa con Azul* com elementos de documentário e animação, construindo um filme de rara sensibilidade. Nas suas palavras, "o filme não é fiel aos factos, mas é fiel à memória emocional". Rodado em 16mm, Razo quis dar primazia a um sentido de intimidade e imediatismo na rotação, sem condicionar os atores ao acesso imediato às imagens ou à segurança de sucessivos *takes*. É precisamente na sua enorme liberdade narrativa e formal, sem temer experimentar, que reside a grande força do filme, abraçando uma nova vaga no já de si prolífico panorama do cinema queer mexicano e ficando na história do cinema queer mundial como uma das mais originais e imaginativas ficções à volta do tema do VIH/sida.

João Ferreira



Bruno Santamaría Razo (México, Brasil, Dinamarca, 2026, 104')
Fic. VO espanhola, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 7 novembro
Batalha, Sala 1, 21h30

Sessões Especiais

La Bola Negra

Se a obra de Federico García Lorca traçou o rumo da cultura queer até aos dias de hoje, a iconografia do seu martírio e o peso do trauma biográfico a ele associado, são feridas abertas que transbordam essa linhagem cultural. Uma das produções mais auspiciosas do recente cinema espanhol, *La Bola Negra*, de Javier Calvo e Javier Ambrossi, é talvez a mais exuberante das homenagens ao escritor espanhol. Atravessada pelo dispositivo teatral, pelo gesto performativo e pela encenação coreográfica, o filme traz a si o simbolismo da obra de Lorca, que extravasa a realidade, para que ela seja apreendida na sua dimensão maior de brutalidade, de poesia, de desejo. É precisamente o martírio de Lorca que atravessa as três narrativas paralelas e transversais de *La Bola Negra*. Em 1932, Carlos (Milo Quifres) é o jovem protagonista da peça inacabada (ou perdida) de Lorca que dá nome ao filme, e que vê o seu acesso vedado ao casino local por uma votação maioritária de bolas negras. Em causa está a sua suposta homossexualidade. Ficção dentro da ficção, esta primeira vinheta cronológica desenha a promessa desse texto teatral de Lorca – imaginando o seu desenlace a partir das quatro páginas manuscritas que nos chegaram –, onde pela primeira vez o protagonista é gay.

Já no presente, em 2017, Alberto (Carlos González), gay a viver em Madrid, recebe uma inesperada herança de um avô que ele há muito julgava morto. A sua viagem à Cantábria desvela o passado de uma história de amor em plena Guerra Civil, que afinal lhe é tão próxima. Estávamos em 1937, vinheta central do filme, onde o soldado republicano Rafael (Miguel Bernardeau) cai em mãos inimigas e conhece o também soldado Sebastián (Guitarricadelafuente), músico que se juntara aos nacionalistas, mais por sobrevivência que por convicção, e que se apaixona por Rafael. Num espetáculo burlesco itinerante – altamente sexualizado, para gáudio dos soldados –, Nené Romero (uma metamorfoseada e esplêndida Penélope Cruz) entretém os homens, mas na solidão do camarim, após sofrer uma agressão sexual, ela fala a Sebastián de uma Madrid nostálgica onde antes “fazíamos tudo, vivíamos felizes em pecado mortal”. E ao recordar um amigo dessas noites, desabafa: “o travestismo é a fantasia da possibilidade e a guerra é todo o contrário”. Rafael, funcionário da companhia de teatro La Barraca, fundada por Lorca, foi amante do escritor. Antes, com Lorca, e agora, com Sebastián, quis viver essa fantasia da possibilidade, mas a guerra foi todo o contrário.

De regresso ao presente, a historiadora americana Isabelle Durand (Glenn Close) afirma estudar Lorca para vingar o suicídio do seu irmão gay, aos 16 anos, e fala da impossibilidade biográfica numa Espanha acometida pelo pudor – a que eu acrescentaria o trauma. Alberto entrega-lhe a herança que pode contrariar essa impossibilidade biográfica.

Rodado em 35mm, o filme é uma ode ao universo de realismo onírico de Lorca – com traços do melodrama de Almodóvar e um piscar de olhos a um clássico do cinema queer, *Bent* (1997), de Sean Mathias –, exaltando a representação do desejo homoerótico, onde os corpos pulsam desejo até na morte, e a esperança nesse desejo e no amor parecem ser as únicas fugas ao horror da guerra. Rafael dissera a Sebastián que “ninguém desaparece completamente”. No final, o Lorca-personagem descreve a sua peça *La Bola Negra* como não tendo um pinga de poesia porque “este país tem demasiadas histórias de amor enterradas nos campos e há que arranhar a terra para que saiam”. Hoje, *La Bola Negra*, o filme, é o texto e a vida que estavam em falta na peça, fechando um ciclo, mesmo que simbólico. É o derradeiro ato de justiça não apenas à vida e obra de Lorca, mas a tantas outras vidas, passadas e presentes. É o agarrar pelos cornos a um trauma histórico que até hoje atinge gerações de espanhóis. Num gesto wildeano, “Los Javis” arranharam a terra para que Lorca saísse para as estrelas. Era bom que o mundo olhasse o céu e aprendesse.

João Ferreira

Javier Calvo, Javier Ambrossi (Espanha, França, 2026, 155')
Fic. VO espanhola, leg. em português. M/16

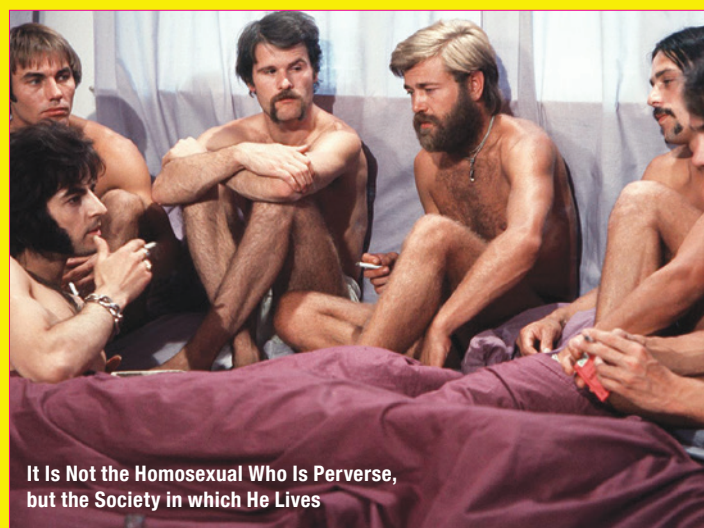
Quarta-feira 4 novembro
Cinema Trindade, 21h15

It Is Not the Homosexual Who Is Perverse, but the Society in which He Lives

O falecimento de Rosa von Praunheim em dezembro do ano passado, deixa um enorme vazio no cinema queer. Somado às recentes partidas de Paul Vecchiali, Lionel Soukaz, Vincent Dieutre e David Hockney, significa o desaparecimento de um conjunto de ícones gays da intelectualidade europeia, absolutamente fulcrais. Esta sessão quer prestar homenagem a um realizador que foi um dos mais livres, iconoclastas, e dos que trabalharam mais à margem, sem concessões à indústria nem ao público. O seu último filme, *Satanic Sow* (2025), ficará como testamento absoluto das filias que atravessaram a sua obra, mas talvez o trabalho mais emblemático da sua prolífica carreira seja esta segunda longa-metragem, uma obra estreada em 1971 (o ano em que descolava a carreira de Fassbinder com *Beware of a Holy Whore*, e também o ano de *Morte em Veneza*) e comissionada nada menos que pela empresa pública de radiodifusão alemã na altura, a WDR. Um filme-ensaio em que Praunheim castiga as aspirações burguesas da comunidade gay ao mesmo tempo em que a chama à ação política. Algumas das ideias manifestas no guião envelheceram melhor que outras, mas não devemos esquecer que, nas suas reivindicações, Praunheim trabalhava o *camp* como linguagem e o cinismo como ferramenta crítica. Cristian Rodríguez

Rosa von Praunheim (Alemanha, 1971, 64')
Fic. VO alemã, leg. em português. M/16

Sábado 7 novembro
Batalha, Sala 1, 19h00



Competição Oficial

Uma competição disputada por ficção e documentário encerra distintos núcleos de expectativa. À ficção queer recente, pedimos verosimilhança, elegância narrativa, solidez no recorte das personagens; à produção documental, que amplie um arquivo de vivências individuais e comunitárias, e trate os materiais remanescentes com originalidade; aos filmes de fronteira, que questionem as balizas a que o olhar pode habituar-se. Assim se desenhou esta secção do Queer Porto 12. Começemos por *Du fioul dans les artères*, longa de estreia de Pierre Le Gall. É um retrato do trânsito de pesados que atravessa a Europa, com engates de beira de estrada e uma metamorfose de amor. Conduzido pela inebriante banda sonora de Paul Sabin, um filme atento a muitas vulnerabilidades e aos corpos que teimam em imaginar um dia seguinte. Dos Estados Unidos, chega-nos *Mouse*, corealização de Alex Thompson e Kelly O'Sullivan. A partir do trauma que é a morte abrupta de uma adolescente, *Mouse* escrutina as tentações da comunidade que a chora; o luto genuíno, para onde o filme aponta sem complacência, será que cada um saiba quem é e estime o que tem em casa. Já o registo *rom-com* fica bem a *Something You Should Know About Me*, de Andy Fidoten. Al, um jovem trans e ilustrador em crise criativa, chega ao cúmulo da insegurança no que devia ser um momento feliz, um workshop de ilustração entre pares; mas na presença de Jesse, que Al admira e deseja, é-lhe difícil encontrar-se. As sequências animadas serão aqui o gesto de validação própria de uma identidade hesitante, finalmente liberta. Refira-se ainda *Bouchra*, codirigido por Orian Barki e Meriem

Bennani. Atualizando matéria biográfica das realizadoras, cresce uma animação 3D imensamente sugestiva. Nova Iorque, cidade taciturna, e Casablanca, lugar de desejo e interdição, são habitadas por personagens zoomórficas, entre as quais uma loba introspectiva apostada em reparar a relação com a sua mãe. O primeiro destaque nos documentários é para *Lesbian Lines*, de Cara Holmes. Alternando o testemunho e a reconstrução, é um filme cativante sobre a criação de uma linha telefónica de apoio a mulheres lésbicas na Irlanda beata e patriarcal de finais de 1970. Um merecido tributo à sororidade aplicada. Por sua vez, *Mickey & Richard*, de Ryan A. White e A.P. Pickle, leva-nos a Palm Springs. O imaginário gay hipermasculino que o filme explora (e desdobra) apresenta Mickey Squires como mistificação autoerótica de que o velho Richard — para ter um lugar real no mundo — tem de se despedir. Finalmente, *What Will I Become?*, de Lexie Bean e Logan Rozos, parte da experiência de ambos enquanto pessoas trans sobreviventes a tentativas de suicídio. A aspiração a uma masculinidade que parece não ter referências, e a instabilidade mental associada à formação de uma nova identidade, são as suas grandes traves-mestras. Façamos, por último, das *Pequenas Tragédias* com que Daniel Nolasco nos brinda, de regresso ao festival. Com falsa leveza, o realizador recorda os seus dias em Catalão, intercalando fantasias debochadas e a encenação da violência homofóbica que viveu naquela cidade do interior. O humor e a melancolia tingem sucessivos capítulos de morte e êxodo num Brasil ainda reconhecível. **Constança Carvalho Homem**

Bouchra

Bouchra, uma cineasta marroquina de 35 anos, a viver em Nova Iorque, está paralisada de medo perante a página em branco. Um telefonema com a sua mãe, que está em Casablanca, faz ressurgir memórias. A troca afetuosa, embora complexa, entre ambas, espoleta-lhe a criatividade, abrindo lugar a uma viagem através de laços familiares, filiação, e agitação do amor.

Orian Barki, Meriem Bennani (Itália, Marrocos, EUA, 2025, 85')
Anim. Fic. VO árabe marroquina, francesa e inglesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 5 novembro · Batalha, Sala 1, 21h30



Du fioul dans les artères

Étienne é camionista. Viciado na estrada, limita a sua vida emocional a encontros anónimos e fugazes em parques de estacionamento. Quando conhece Bartosz, um camionista polaco, a sua rotina solitária vira-se do avesso.

Pierre Le Gall (França, Polónia, 2026, 91')
Fic. VO francesa, inglesa e polaca, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 1, 21h30



Competição Oficial

Lesbian Lines

Numa Irlanda silenciada, uma comunidade de lésbicas cria uma rede alternativa de linhas de apoio, onde oferecem conexão, sobrevivência e resistência através do simples gesto de atender o telefone.

Cara Holmes (Irlanda, 2026, 77')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 4 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



Mickey & Richard

Um retrato íntimo do modelo gay Mickey Squires, contado nas suas próprias palavras. Depois de uma vida inteira a atuar frente às câmaras, uma das figuras mais icônicas da pornografia queer partilha a sua luta para encontrar aceitação pessoal e ligações humanas significativas no mundo do entretenimento para adultos. Filmado em 16mm e recorrendo a décadas de arquivos eróticos, o documentário explora as complexidades da vida na indústria pornográfica, as dificuldades em estar à altura da imagem que criamos de nós próprios e os desafios do envelhecimento queer.

Ryan A. White, A.P. Pickle (EUA, 2026, 70')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/18

Terça-feira 3 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



Mouse

A relação entre Callie e Minnie é subitamente abalada no início do verão que antecede o seu último ano do ensino secundário. Deixada à deriva sem a sua carismática melhor amiga, Minnie começa a desenvolver uma complicada amizade com a mãe de Callie.

Alex Thompson, Kelly O'Sullivan (EUA, 2026, 120')
Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 3 novembro · Batalha, Sala 1, 16h30



Competição Oficial

Pequenas Tragédias

Em 2011, Daniel Nolasco mudou-se para o Rio de Janeiro, para ingressar na faculdade, vindo da sua pequena cidade-natal do interior. Foi o primeiro de um grupo de amigos queer a abandonar a terra. Passados 10 anos, já nenhum desses amigos lá vive. Alguns deles faleceram, outros também partiram. A cidade chama-se Catalão, um lugar que todos dizem ser demasiado bom para se viver.

Daniel Nolasco (Brasil, Alemanha, 2026, 118')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/18

Quarta-feira 4 novembro · Batalha, Sala 1, 21h30



Something You Should Know About Me

Nesta doce e atrevida comédia romântica trans, Al é um inseguro cartunista que se vê confrontado com o seu mais difícil desafio de sempre: confessar o que verdadeiramente sente pelo seu melhor amigo ou arriscar perdê-lo para o seu atraente arqui-inimigo.

* Esta sessão conta com as presenças do cineasta Andy Fidoten e do ator EJ Marcus

Andy Fidoten (EUA, 2026, 85')
Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 5 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



What Will I Become?

Lexie Bean e Logan Rozos exploram a vulnerabilidade da sua comunidade transmasculina, aprofundando as suas próprias experiências pessoais, entrelaçando-as com as histórias de dois jovens rapazes trans que se suicidaram.

* Esta sessão conta com a presença de Lexie Bean

Lexie Bean, Logan Rozos (EUA, 2026, 87')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 2, 19h30



Competição Curtas-Metragens Portuguesas

A 5.ª edição da Competição de Curtas-Metragens Portuguesas apresenta mais uma vez uma eclética seleção do que de queer foi feito no formato da curta-metragem no cinema nacional em 2026. Em competição apresentam-se dez filmes – sete produzidos em Portugal e três em contexto internacional, nomeadamente Brasil e Alemanha. Em estreia mundial apresenta-se *No Azul Penumbra*, de Tomás Basílio, e em estreia nacional *This Feminine Side*, de Alice Siniscalchi e *A Vaqueira, a Dançarina e o Porco*, de Stella Carneiro e Ary Zara.

Abril de Helena, duplamente premiado aquando da sua estreia no IndieLisboa, documenta o acompanhamento e cuidado de uma mãe perante o processo de cirurgia de feminização facial da filha. *Éramos Só Putos*, estreia na realização do ator João Nunes Monteiro, propõe um *coming of age* sobre dois rapazes apanhados pela primeira vez nas suas vidas entre o desejo e o medo. Em *O Meu Amor do Rancho*, o fotógrafo Miguel De monta um sentido ensaio visual tão romântico quanto trágico. De regresso ao *coming of age*, *Monstro* aborda o efeito da violência *bullying* não só no adolescente visado como naqueles que o amam em segredo, e *No Azul Penumbra*, filme de escola da Escola das Artes – UCP, é um delicado exercício sobre o papel da inocência e da dor na infância, esse território definidor de tanto. Também da EA–UCP, *Semeei*

Vermelho, coloca em conflito o exercício da fé religiosa e a descoberta de um desejo lésbico. *This Feminine Side*, animação realizada no contexto do mestrado Re:Anima Erasmus Mundus (Universidade Lusófona), é uma divertida exploração do conceito de feminilidade através dos contributos de pessoas queer lisboetas. *Três de Copas*, oitava curta-metragem de Mário Macedo e estreia na realização da dinamarquesa Enotea – também protagonista do filme –, apresenta-se como um íntimo híbrido no seio de um grupo de amigos berlinenses, enquanto navegam identidade e desejo. *Unruhe* é o regresso de Carlos Pereira ao festival, um gesto inquieto de cinema abstrato entre a utopia e a distopia. Finalmente, *A Vaqueira, a Dançarina e o Porco*, estreado no programa paralelo La Factory des Cinéastes, edição Ceará Brasil, da Quinzena dos Realizadores, apresenta-se como um sangrento *western* lésbico, carregado de desejo e confronto.

Dez trabalhos que não podiam ser mais díspares nas suas propostas formais – da estrutura narrativa mais clássica ao cinema experimental e ao de animação. Em conjunto, estes filmes oferecem reflexões e representações sobre a infância, a adolescência, a família e a afirmação pessoal, bem como a descoberta da coragem, do amor, do desejo, e a prática tão importante destes últimos. Ana David

Curtas Portuguesas 1 (74’)

Quarta-feira 4 novembro · Batalha, Sala 2, 17h00

Monstro

Uma onda de calor varre Lisboa. Alex, um rapaz de 12 anos, vê o seu melhor amigo ser agredido, mas um segredo íntimo impede-o de falar sobre o que aconteceu.

Nuno Baltazar (Portugal, Egito, 2026, 22’)

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

No Azul Penumbra

Na quietude de uma pequena aldeia, Miguel vê a sua vida abalada pela partida da irmã. O vazio deixado por ela transforma-se numa viagem interior, conduzindo-o pela escuridão do azul, um espaço onde a inocência e a dor se entrelaçam. Neste mundo familiar e aparentemente imutável, Miguel enfrenta, pela primeira vez, a fragilidade da sua existência.

Tomás Basílio (Portugal, 2026, 15’)

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Semeei Vermelho

Teresa, uma rapariga católica, está dividida entre o desejo que julga sentir por Maria, a sua amiga de longa data, e a fé, que já nem tem a certeza de ter. Teresa está cada vez mais consumida pelo mundo que a rodeia, pelo seu vestido de Crisma e pelo momento que vai fervendo neste espaço fechado: a confissão do seu pecado.

Sofia Afonso (Portugal, 2026, 15’)

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

This Feminine Side

Ambientado na vibrante cena artística LGBTQIA+ de Lisboa, este documentário animado combina vozes, texturas e cores para explorar a feminidade para além do binário. Construído a partir de entrevistas e workshops colaborativos, o filme torna-se numa colagem viva onde a feminidade não é fixa, mas sim fluida, reimaginada através da comunidade, da criatividade e de uma animação lúdica que mistura várias técnicas.

Alice Siniscalchi (Portugal, Finlândia, Bélgica, 2025, 7’)

Doc. Anim. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Três de Copas

Três amigos – uma artista não binária, uma mulher trans e um homem queer –, numa noite de inverno em Berlim. Uma história sobre amor, identidade e mudança. Um pequeno vislumbre poético sobre as estações do devir que se movem misteriosamente pelas estações do ano.

Mário Macedo, Enotea (Dinamarca, Portugal, 2025, 15’)

Doc. Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Tomás Basílio (*No Azul Penumbra*) e de Sofia Afonso (*Semeei Vermelho*)



Monstro



No Azul Penumbra



Semeei Vermelho

Competição Curtas-Metragens Portuguesas

Curtas Portuguesas 2 (79')

Sexta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 2, 17h00

Unruhe

Ultimamente, tem havido uma estranha epidemia a espalhar-se entre o povo, de tal forma que muitas pessoas, na sua loucura, começaram a dançar, e continuaram a fazê-lo dia e noite, sem interrupção, até caírem inconscientes. Muitas pessoas morreram por causa disso.

Carlos Pereira (Alemanha, 2026, 12')

Fic. Exp. S/ diálogos, leg. em inglês. M/16

O Meu Amor do Rancho

“Quando olho para o meu amor, ele olha para o rapaz à sua frente, mas só vemos as costas um do outro. Nunca o rosto. Porque não estamos a dançar todos juntos. Estamos em pares. E nesta dança, o meu amor não existe. Arrasto-o para dentro dela, mas só as costas. E foi pelas suas costas que me apaixonei. As suas costas largas, vestidas com o traje mais bonito do mundo, que são todos os trajes que ele vestia”.

Miguel De (Portugal, 2026, 18')

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Abril de Helena

Num novo quotidiano, Abril, uma mulher trans, escolhe a mãe Helena como sua cuidadora primária numa cirurgia de feminização facial. Em gestos maternos, Helena cuida de Abril com o mesmo olhar de quando a filha era pequenina.

Maria Moreira, Victor Hugooli (Portugal, 2026, 20')

Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

A Vaqueira, a Dançarina e o Porco

Uma *cowgirl* trans entra no bar onde a sua amante, uma dançarina negra, trabalha sob as ordens de um porco sanguinário e amante de trufas. Mas o que começa por ser uma fuga em nome do amor transforma-se num confronto surreal ao estilo *western*, marcado por sangue, irmandade e resiliência.

Stella Carneiro, Ary Zara (Brasil, França, 2025, 10')

Fic. S/ diálogos. M/16

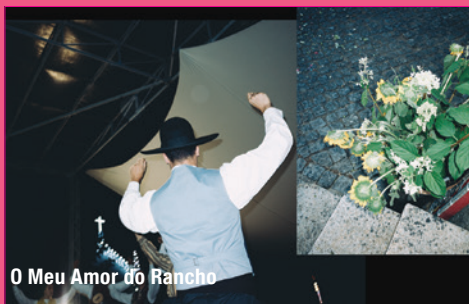
Éramos Só Putos

Num campo de férias, em 2007, João conhece Ivo. Os dois adolescentes partilham camarata e gostos musicais, junto com sentimentos que oscilam entre a vontade de se aproximar e o receio de ser visto.

João Nunes Monteiro (Portugal, 2026, 19')

Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

* Esta sessão conta com as presenças de Miguel De (*O Meu Amor do Rancho*) e de Maria Moreira, Victor Hugooli, Abril Xavier e Helena Costa (*Abril de Helena*)



Panorama

The Education of Jane Cumming

O caso verídico que subjaz a este filme não é alheio ao espectador que viu *The Children's Hour*, de William Wyler, baseado na peça de Lillian Hellman, com Audrey Hepburn e Shirley MacLaine nos papéis principais. Também os investigadores da história queer podem conhecê-lo por via de *Scotch Verdict: Miss Pirie and Miss Woods v. Dame Cumming Gordon*, que a historiadora Lillian Faderman assinou. Aqui em versão de época, realizada por Sophie Heldman, é contada a história de duas professoras solteiras cuja reputação, e projeto escolar, são dizimados pela acusação de lesbianismo. Quem acusa é uma aluna invulgar – Jane Cumming, resíduo do império que um aristocrata escocês, seu pai, enviou da Índia. Mal tolerada pela sociedade que integrou, Jane entrevê uma réstia de vida sendo professora, deseja a liberdade e a sensibilidade com que priva na companhia de Miss Pirie e Miss Woods. Nos tribunais, o caso reitera o tecido da mentalidade vigente: se Jane, a *indiana*, não é pessoa credível, o amor entre mulheres é considerado “tão imaginário quanto a bruxaria, a feitiçaria, ou a cópula carnal com o diabo”. Com as decisivas interpretações de Fiona Shaw, Flora Nicholson, Clare Dunne e Mia Tharia, *The Education of Jane Cumming* é uma notável primeira longa-metragem.

Constança Carvalho Homem



Sophie Heldman (Alemanha, Suíça, Reino Unido, 2026, 114')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sexta-feira 6 novembro
Batalha, Sala 1, 19h00

It's Dorothy!

O Feiticeiro de Oz (Victor Fleming, 1939) é, para muitas pessoas, a utopia-mãe. Um conto de fadas que tantos e tantas de nós lembramos como um dos primeiros filmes que nos encantaram quando éramos crianças e que, para a comunidade queer, tem um alcance simbólico muito forte. O romance infantil em que o filme se inspira foi escrito há mais de 125 anos, mas o sorriso luminoso e o olhar melancólico de Dorothy Gale, a sua protagonista no ecrã, continuam vivos e eternos. Judy Garland, claro, tem uma responsabilidade crucial nisso, mas para além do culto à atriz e da sua ascensão a ícone queer (até existem teorias que argumentam que a sua morte desencadeou os motins de Stonewall), a personagem tornou-se também um farol para as vozes das pessoas marginalizadas. Graças a uma destemida mistura de imagens de arquivo e entrevistas, *It's Dorothy* ressuscita a figura pela enésima vez, recapitulando de forma exaustiva todas as vezes que tem sido representada (inesquecível *The Wiz*, de Sidney Lumet, 1978, protagonizado por Diana Ross), com especial enfoque no seu impacto na comunidade negra. Fica demonstrado até que ponto o marco cultural que Dorothy significa continua a inspirar-nos na hora de sonhar e imaginar mundos melhores.

Cristian Rodríguez



Jeffrey McHale (EUA, 2025, 97')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 7 novembro
Batalha, Sala 1, 16h30

Jim Queen

A sida sempre produziu metáforas, como Susan Sontag bem notou logo em 1989, e continua a fazê-lo, passadas três décadas de uso da tripla terapia. Desbragada e inteligente comédia, estreada nas Séances de Minuit de Cannes, *Jim Queen* aborda uma nova epidemia: a “Héterose”, que faz dos gays, hétéros. Crítica aberta às terapias de conversão e às ideologias da extrema-direita, esta “incorreta” animação tem como (suposto) herói, Jim, um urso, *muscle queen* e *influencer*, acometido do vírus, que o faz perder músculo, seguidores e o rumo. Em sua salvação (e da vida gay) vem Lucien, um *twink* seu admirador secreto, no armário, filho da... Ministra da Saúde, envolvida na rede que criou este vírus em laboratório. Mais metáforas. Sendo o filme também uma crítica aos estereótipos e homofobias dentro da própria comunidade, aquele que dela é rejeitado pela sua aparência (Lucien), é quem a salva da heterossexualidade, formando um moralizante par romântico com Jim. Em 1987, Leo Bersani questionava, “Is the Rectum a Grave?”. Aqui, é no rabo de Lucien que reside a salvação, nessa hilariante sequência final que tão cedo não esqueceremos.

João Ferreira

Marco Nguyen, Nicholas Athané (França, 2026, 85')
Anim. VO francesa, leg. em inglês e português. M/16



Quarta-feira 4 novembro
Batalha, Sala 1, 19h00

Mineshaft: the Cruising Murders

Quando falamos das problemáticas associadas à representação da homossexualidade na história do cinema, a referência a William Friedkin é incontornável. Quando, em 1970, Friedkin adapta ao ecrã a peça homónima de 1968, *The Boys in the Band*, de Mart Crowley, ele consegue transformar um texto já de si críptico, no derradeiro filme cripto-gay. Já *Cruising*, de 1980, assume diferentes camadas de complexidade. Protagonizado por Al Pacino, o filme torna-se num marco para uma geração de gays, ao verem aí plasmado o lado mais oculto do seu desejo, além de uma rara representação da comunidade *leather*. Mas o filme nasce envolto em polémica, com protestos a acontecerem já durante a rodagem na West Village. Mais de 45 anos depois, Jeffrey Schwarz assina o documentário *Mineshaft: the Cruising Murders*, que dissectiona estas muitas camadas. Além de fazer justiça a Addison Verrill, jornalista da *Variety*, assassinado em sua casa por um homem que conheceu no Mineshaft – caso verídico em que se baseia *Cruising* –, o documentário desvela as estranhas obsessões de Friedkin e tenta entrar na cabeça de um homem cuja eclética obra em cinema deixa para sempre este travo agridoce no modo como representou (e usou) a comunidade gay. João Ferreira

Jeffrey Schwarz (EUA, 2026, 84')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16



Quinta-feira 5 novembro
Batalha, Sala 2, 17h00

Panorama

Acting Like Women

Acting Like Women, de Cheri Gaulke, faz a crônica e apreciação crítica da *performance art* emergente em Los Angeles na década de 70. Em reação a uma invisibilidade institucional reiterada, e com a experiência que traziam de ensino artístico na Universidade de Fresno e na Caltech, Judy Chicago, artista, Arlene Raven, historiadora de arte, e Sheila de Breteville, designer, decidem fundar o Feminist Studio Workshop. Seria um programa com vista a empoderar as suas alunas e a projetar a produção artística de mulheres na cultura dominante, mas deu lugar a algo maior. O espaço físico que recuperaram, o Woman's Building, foi simultaneamente refúgio, espaço de criação e fórum de consciencialização política. Alternando imagens de um amplo acervo vídeo e o comentário atual da realizadora e de outras suas contemporâneas, *Acting Like Women* homenageia o rasgo e a amplitude da *performance art* nascida desta conjuntura, traçando continuidades e réplicas, sem evitar a questão da diminuta presença de mulheres racializadas. Um filme para que não esqueçamos o que puderam conjuntamente fazer uma *can-do attitude*, a firme rejeição de comportamentos prescritos, o ensino e prática das artes em ambiente segregado, e a mobilização para as urgências do seu tempo. Constança Carvalho Homem



Cheri Gaulke (EUA, 2026, 90')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 5 novembro
Batalha, Sala 1, 17h30

Conversa com a realizadora Cheri Gaulke e a coargumentista Anne Gauldin, com moderação de Carla Cruz

A conversa tem lugar a seguir à exibição do documentário



Cheri Gaulke

Pioneira do movimento artístico feminista em Los Angeles e cineasta premiada, cujos filmes foram exibidos em festivais de cinema norte-americanos e internacionais. O seu trabalho foi apresentado no MoMA (Nova Iorque), no Museu de Arte Contemporânea (Los Angeles), numa exposição itinerante do Smithsonian e em locais por todo o mundo, incluindo autocarros, igrejas e templos pré-históricos. Conhecida pela sua arte performativa a solo, foi cofundadora dos grupos de performance colaborativos Feminist Art Workers e Sisters Of Survival.



Anne Gauldin

Artista feminista, designer gráfica e empreendedora. Obteve o mestrado no Feminist Studio Workshop, no Woman's Building de Los Angeles, tendo investigado sítios arqueológicos pré-históricos na Europa Ocidental, bem como arte e educação feministas contemporâneas. Desempenhou as funções de bibliotecária de diapositivos no Woman's Building, supervisionando os arquivos e a coleção do Centro de Estudos Históricos de Arte Feminista, criado por Arlene Raven e Ruth Iskin. O seu trabalho tem sido exibido e apresentado tanto nos EUA, como internacionalmente.



Carla Cruz

Artista visual e professora na Universidade do Minho. Cofundou o coletivo ZOINA e coordenou o projeto feminista *All My Independent Wo/men*. Desde 2007, dinamiza a Associação de Amigos da Praça do Anjo e, em 2011, iniciou o projeto *Finding Money*. Em 2019, fundou o grupo de estudo Leituras Feministas (i2ADS), coeditando o livro *Conversas Desalinhadas* (2025). Desenvolve, com Cláudia Lopes, investigação artística sobre temporalidades não humanas, recentemente exposta no CAAA. Expõe desde 2001 e a sua obra integra coleções como a Municipal do Porto e a Norlinda e José Lima.

“A guerrilha, o diálogo”

O conjunto de filmes documentais que trazemos ao Queer Porto 12 divide-se em duas grandes linhas de resistência: disrupção criativa e simbólica do espaço público, abertura de espaços íntimos pulsantes de possibilidade. Começamos por *Gays Against Guns*. Paul Rowley, realizador irlandês radicado nos EUA, vê com perplexidade que o país onde pôde viver a sua homossexualidade é marcado por ataques planeados, balas perdidas, altas taxas de suicídio, excessos na resposta policial. São consequências de uma sociedade em que o direito ao porte de arma está contemplado na Segunda Emenda à Constituição, e em que a indústria de armamento fomenta, com incentivos financeiros, um ideário belicista. A mobilização da comunidade queer para uma questão de extensão e urgência nacional optou por uma estratégia de “terrorismo cultural”, na expressão de John Waters. O movimento Gays Against Guns é dado a conhecer por este filme, que testemunha dez anos de comovente intervenção cívica. Por sua vez, *A Song Without Home*, de Rati Tseladze, surge na sequência da curta multipremiada *Prisoner of Society*, de 2018. Adelina viveu onze anos em prisão domiciliária na sua aldeia natal, na Geórgia. Reclamar uma identidade trans era inconcebível naquela família e naquele meio. Adelina fugiu para Viena e foi-lhe concedido asilo, mas nem por isso existir se tornou fácil: o rendimento que tem depende do trabalho sexual; as conversas telefónicas com a mãe, sua principal fonte de conforto, dão notícias da contínua reprovação social e intimidação de que ambas são alvo. Em 2024, a Geórgia banuiu dos média e do espaço público a representação da comunidade LGBTQIA+. E por isso, em terra longínqua, sair à rua, ser candidata pela Geórgia a Miss Trans, partilhar a história

passada e o refazer-se no presente, são generosos atos de resistência. Em tom solar, *Fucking Different Generations* parte de uma ideia de Kristian Petersen e reúne na realização, além de si próprio, Monika Treut, Todd Verow, Sofia Alvarado, Jo Pollux & Theo Parker, Emre Busse, Jiz Lee & Shine Louise Houston. O filme alterna o formato de entrevista com sete sequências autorais e é largamente movido por perguntas que confrontam e relativizam as diferenças entre os *baby boomers* e os nascidos entre a década de 1990 e os anos 2010, a dita Geração Z. É um filme de onde resulta uma noção de polinização cruzada esperançosa: as ideias feitas são secundárias, os anseios têm muito em comum. As diversas configurações da sexualidade e da identidade, o trabalho sexual e o lugar da pornografia são alguns dos temas em que é ouvida a contemporaneidade queer alemã. Falemos ainda de *A Culinary Uprising: the Story of Bloodroot*, de Annie Laurie Medonis. A insurgência feminista que atravessou a década de 1970 transformou as vidas de Selma Miriam e Noel Furie. Em sucessivas tomadas de consciência, ambas deixaram os seus casamentos, renunciaram à forma dominante de viver a maternidade, reclamaram o lesbianismo como ato político, abraçaram o vegetarianismo, e depois o veganismo, como imperativo ético. A sua obra no mundo é indissociável de Bloodroot, o restaurante e livraria feminista onde alimentaram e formaram gerações de mulheres, suas clientes e trabalhadoras. Esta é uma história de amor não-romântico que percorre quase cinquenta anos. É-nos contada numa espécie de voz confluyente de Selma, Noel, dos seus filhos, e das muitas pessoas tocadas pela convivência com estas duas mulheres radicais. Constança Carvalho Homem

A Culinary Uprising: the Story of Bloodroot

Selma Miriam e Noel Furie são duas mulheres indomáveis e pioneiras que fundaram o Bloodroot, um restaurante e livraria feminista, lésbico e vegano, em Bridgeport, no Connecticut. Nos anos 70 e 80, existiam mais de 230 restaurantes e cafés feministas nos Estados Unidos e no Canadá. O Bloodroot é o mais antigo e o que mais tempo se manteve em funcionamento, com uma atividade ininterrupta de quase 50 anos. Este documentário analisa a história do Bloodroot, o seu lugar no pensamento feminista americano, o seu impacto na comunidade local e a razão pela qual é mais do que um mero restaurante.

Annie Laurie Medonis (EUA, 2025, 82')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 7 novembro · Batalha, Sala 2, 15h00



Resistência Queer

A Song Without Home

Depois de 11 anos confinada à casa da sua família, Adelina foge da sua aldeia na Geórgia para Viena, à procura da liberdade em ser ela mesma. Enquanto constrói aí uma vida nova, o seu passado teima em não a largar. Através de um imaginário imersivo e dos laços entre mãe e filha, *A Song Without Home* pinta um retrato em várias camadas sobre pertença e a complexidade da liberdade para além da mera libertação física.

Rati Tsiteladze (Geórgia, EUA, Dinamarca, Áustria, 2026, 75')
Doc. VO georgiana, alemã e inglesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 6 novembro · Batalha, Sala 2, 15h00



Fucking Different Generations

O projeto de compilações de filmes *Fucking Different* foi lançado há vinte anos, com o objetivo de analisar as semelhanças e diferenças entre gays e lésbicas. Desde então, muita coisa mudou: as fronteiras de género estão a tornar-se mais fluidas e os jovens podem, com maior facilidade, optar por não serem identificados apenas como homens ou mulheres. Embora a comunidade queer jovem pareça ter-se aproximado, nos últimos anos tornou-se evidente uma divisão entre as gerações. Agora, em *Fucking Different Generations*, cineastas queer da geração *baby-boomer* expõem as suas ideias sobre a vida dos jovens queer, e jovens cineastas queer da Geração Z refletem sobre os *baby-boomers* queer. O resultado é uma coleção de sete curtas-metragens que abordam, de forma humorística, poética e reflexiva, as semelhanças, diferenças e possibilidades de aproximação entre gerações na comunidade queer.

Monika Treut, Todd Verow, Sofia Alvarado, Jo Pollux & Theo Parker, Emre Busse, Jiz Lee & Shine Louise Houston, Kristian Petersen (Alemanha, 2026, 87')
Doc. VO alemã, espanhola e inglesa, leg. em inglês. M/18

Terça-feira 3 novembro · Batalha, Sala 2, 17h00



Gays Against Guns

Gays Against Guns acompanha a trajetória da associação do mesmo nome ao longo de dez anos, desde o massacre do Pulse até aos dias de hoje. Dos protestos disruptivos e manifestações marcantes do movimento Human Beings, até ao confronto direto com o lobby das armas e os fantoches da NRA nos corredores do poder, o filme ilustra como a associação se tornou numa força dinâmica no movimento de prevenção da violência armada. Passado numa época de enorme agitação social nos Estados Unidos (a Marcha das Mulheres, o movimento Black Lives Matter, os motins no Capitólio e uma escalada de crimes de ódio alimentada pela retórica e legislação anti-LGBTQIA+), o filme entrelaça retratos íntimos de ativistas com comoventes histórias de pessoas diretamente afetadas pela violência armada.

* Esta sessão conta com a presença de Hal Moskowitz, membro da direção da GMHC – Gay Men's Health Crisis, da ACT UP e, mais recentemente, membro fundador da GAG – Gays Against Guns

Paul Rowley (Irlanda, 2026, 86')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 7 novembro · Batalha, Sala 2, 17h00



Queer Focus: Figuras da literatura queer

Cinq regards

Karim, um dos últimos jovens que privou com Paul Bowles, regressa a Tânger para desenterrar o legado do famoso escritor norte-americano. Usando imagens em 16mm que filmou há 25 anos, ele revive a memória de um círculo marroquino esquecido: o grande escritor Mohamed Choukri, o contador de histórias e pintor Mohamed Mrabet, Tamsamani, motorista de Paul durante trinta anos, e Boulaich, que foi o seu motorista durante a sua última década de vida. Todos eles partilhavam uma ligação próxima e pessoal com Bowles na década de 1990. Através de memórias ternas, mexericos, ciúmes e histórias comoventes, Paul e Jane Bowles surgem pela primeira vez sob um olhar marroquino, longe dos habituais clichés orientalistas.

Karim Debbagh (Marrocos, França, 2025, 71')
Doc. VO árabe e inglesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 3 novembro · Casa Comum, 18h00



Mary Oliver: Saved by the Beauty of the World

Se a poesia tivesse um ícone pop, seria Mary Oliver. Aclamada poeta e autora de *bestsellers*, vencedora do Prémio Pulitzer, amante de cães e de longas caminhadas pela floresta, assumidamente queer, mas intensamente reservada, Oliver foi a improvável mística contemporânea da América, percorrendo os lagos e as florestas do Cape Cod durante quase cinquenta anos, para se abrir – e aos seus leitores – ao mundo conhecido e ao mundo incognoscível.

Sasha Waters (EUA, 2026, 91')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 4 novembro · Casa Comum, 18h00

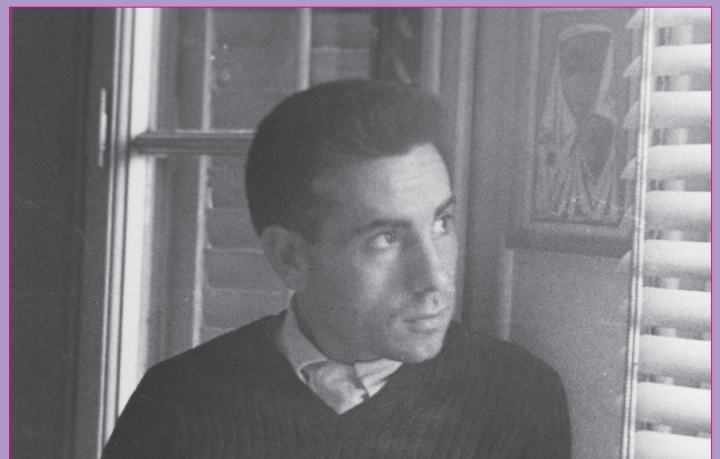


Un Hombre Libre

Un Hombre Libre explora a vida e obra de Agustín Gómez Arcos, escritor espanhol exilado que alcançou grande sucesso na literatura francesa na década de 70, enquanto o seu nome permanecia silenciado em Espanha. Seis vezes finalista do Prémio Goncourt, as suas obras, traduzidas para mais de doze línguas, abordaram temas como a memória democrática e a identidade. Redescoberto pelas novas gerações, o seu legado convida à reflexão sobre a história recente de Espanha através dos silêncios, das histórias perdidas e do papel da cultura e da memória.

Laura Hojman (Espanha, 2024, 88')
Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Sábado 7 novembro · Casa Comum, 18h00



Queer Focus: Figuras da literatura queer

Life Story

Um texto autobiográfico original da filósofa McKenzie Wark é colocado em diálogo com uma pesquisa sobre o seu corpo nu e a sua vida doméstica, tudo através do piscar de uma luz laranja, neste segundo filme da “série colorida” de diálogos cinematográficos de Rovinelli.

Jessica Dunn Rovinelli (EUA, 2024, 10')
Doc. Curto. VO inglesa, leg. em inglês. M/16



Quinta-feira 5 novembro
Casa Comum, 18h00

«Certo, mas vamos lê-la», ou: Como escrever as vidas queer?

Morto o autor, começamos (nós, herdeiros) a escrever-lhe, ou a reescrever-lhe, a vida (a prolongá-la, é a nossa esperança, a trazê-la para o meio de nós): mas o que cabe nessa escrita, ou como é que a fazemos? Como é que a centramos (que é o nosso propósito aqui, ao longo desta semana) no que ela teve, ou pode ter, de queer? Sentimos isso muitas vezes (eu, pelo menos, sinto) quando vemos filmes, ficções, documentários, sobre escritores queer: que, no esforço de se contar uma vida e uma obra (que, é preciso lembrar, não são a mesma coisa), uma e outra se arredondam, inevitavelmente; que se escolhe um fio, fácil de seguir: e que, pelo caminho, se perde, ou se apaga, o que aquela vida teve de áspero ou de complicado, o que é difícil de

explicar. O que nos leva a outra pergunta, que é: quem conta estas vidas, e a quem, e com que objetivos? Ou então: que males fazemos quando achamos estar a fazer bem? É disso que vamos estar a falar, miguel bonneville, Odete e António Manso Preto, que escrevem e fazem filmes, e eu, Ricardo Braun: das pessoas retratadas nestes quatro documentários, Paul e Jane Bowles, Mary Oliver, McKenzie Wark e Agustín Gómez-Arcos; e de outras pessoas, os nossos mortos individuais; das vidas que tiveram e das obras que deixaram; de como contaram as suas vidas no que escreveram; do que ocultaram, por esta ou por aquela razão; e de como as contamos nós, essas vidas, hoje, no que nós próprios escrevemos. Ricardo Braun

Conversa com miguel bonneville, Odete e António Manso Preto, moderada por Ricardo Braun, a seguir à exibição da curta-metragem



© miguel bonneville



© Renato Chorão



© Josh Kroll



miguel bonneville

Artista transdisciplinar cuja prática cruza performance, escrita, cinema e artes visuais. O seu trabalho estrutura-se em ciclos e projetos de longa duração, articulando investigação conceptual, experimentação formal e uma forte dimensão auto-reflexiva. Em 2025, foi distinguido com o Prémio Literário VS – Ernesto Sampaio pelo livro *O ano que os gafanhotos comeram*. Entre as suas publicações contam-se *Ensaio de santidade* (Sr. Teste, 2021), *Livro do Daniel e outros textos* (Urutau, 2024) e *A importância de ser – Antologia* (Sistema Solar, 2025).

Odete

Odete é o pseudónimo de Levi Gabriel Carvalho, um artista multidisciplinar que se dedica à escrita, à música, ao teatro e às artes visuais. Tem vindo a investigar e a trabalhar na construção de ligações entre histórias “efeminadas”, desde os espetáculos *As Mulheres que Celebram as Tesmofórias* (TNDMII/Teatro Variedades), *On Revelations and Muddy Becomings* (MAAT), e *Nacionalismo* (TBA). Escreveu os livros *The Elder Femme and Other Stone Writings* e *They Lied to You About the Eunuchs*.

António Manso Preto

Artista e escritor português atualmente a viver em Amesterdão. Completou a licenciatura em Artes Plásticas - Multimédia (FBAUP) e o mestrado em Critical Studies (Sandberg Instituut). Trabalha principalmente a escrita, a publicação e a instalação, através de uma abordagem tanto arquivista como emotiva. A sua prática recente investiga a possibilidade de uma semiótica homossexual, o *cruising* como prática simbólica ou o amante como personagem de um misticismo terreno.

Ricardo Braun

Licenciado em Som e Imagem pela UCP, Ricardo Braun foi assistente de dramaturgia e encenação de Nuno Cardoso, Rogério de Carvalho e João Pedro Vaz. Em 2012, fundou a OTTO e co-encenou *Katzelmacher*, a partir da peça e do filme de Rainer Werner Fassbinder. Dirigiu espetáculos a partir de textos de Jean Anouilh e Ben Jonson/Stefan Zweig, e traduziu obras de Marius von Mayenburg, Lars Norén e Ödön von Horváth. Co-programou, para o Batalha Centro de Cinema, o ciclo *Mitologias: lugares sagrados, tempos míticos*. Escreve regularmente sobre cinema. De terça a sábado, é livreiro na Livraria aberta.

Noites no Passos

21st Century Nuns

As Sisters of Perpetual Indulgence são uma ordem de freiras masculinas gay, composta por cerca de trinta membros no Reino Unido. O seu trabalho abrange várias áreas, incluindo a educação para o sexo seguro, protestos e manifestações, ações de aproximação à comunidade gay e a realização de rituais dirigidos a gays. O seu objetivo é “expiar toda a culpa estigmatizante e promover a alegria universal”.



Tom Stephan (Reino Unido, 1994, 10')
Doc. Curto. VO inglesa, s/ leg. M/16

Sexta-feira 6 novembro · Passos Manuel, 21h45

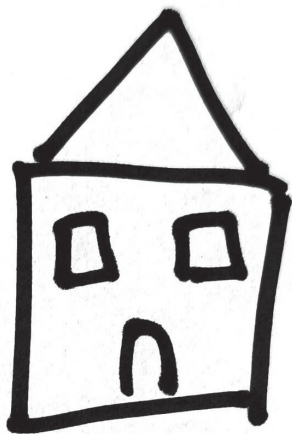
* Esta sessão conta com as presenças de Sister Lida Christ, Sister Tilda NexTime, Sister Adora Bull e Guard TheO Pressed

Hunky Jesus

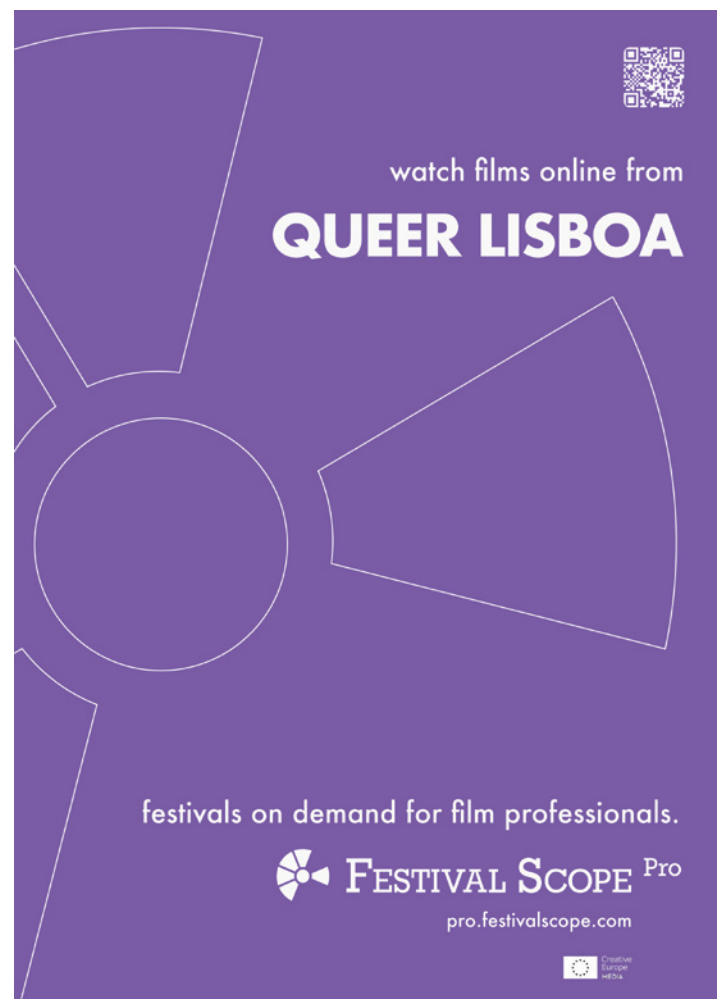
Esta é a história da tradição anual do Domingo de Páscoa, extremamente popular em São Francisco, conhecida como Hunky Jesus. Organizado pelo lendário grupo de drag queens e ativistas Sisters of Perpetual Indulgence, o evento é uma expressão desafiadora de comunidade, performance e alegria radical face à exclusão e à repressão.



Jennifer M. Kroot (EUA, 2026, 85')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16



@2 CASA FORMOSA



Festas

Welcome Party

Terça-feira 3 novembro, 22h-01h

DJ: Smells Like Queer Spirit
Bar of Soap (Rua do Bolhão, 132)
Entrada gratuita

Para assinalar o primeiro dia desta 12.ª edição do Queer Porto, voltamos ao nosso já habitual Bar of Soap, ponto de encontro indispensável para a comunidade LGBTQIA+ da cidade, para uma noite com o carimbo da festa Smells Like Queer Spirit. Na cabine estará o nosso querido DJ Vasco Batista, que promete estilos tão variados quanto o guarda-roupa do seu público, e que leva à pista uma mistura elétrica de indie-tronic, house, italo disco e queer beats. Venham daí!

Hunky Jesus Party

Quinta-feira 5 novembro, 22h-01h

Hosts: Sister Lida Christ, Sister Tilda NexTime, Sister Adora Bull e Guard TheO Pressed
Bar of Soap (Rua do Bolhão, 132)
Entrada gratuita

Para aquecer os corpos e as mentes antes da exibição do seu filme no dia seguinte, nada melhor do que um bom encontro, animado pelas Sisters of Perpetual Indulgence, as freiras protagonistas do documentário *Hunky Jesus*, chegadas diretamente dos EUA – e montadíssimas – para acompanhar todo o festival! Será uma noite de bingo desvairado (diz-se que ninguém canta os números como elas), com prémios que não vais querer perder, e entretenimento e pecado assegurados. Que Nossa Senhora nos guarde.



Closing Party

Sábado 7 novembro, 00h-06h

DJs: DIDI e mais por anunciar
Pérola Negra (Rua de Gonçalo Cristóvão, 284)
Entrada: 7€ até às 02h / 10€ depois

Encerramos a duodécima edição do Queer Porto com uma noite de despedida que aterra pela primeira vez no lendário Pérola Negra. A julgar pelo sucesso das festas de encerramento do festival em anos anteriores, o público prevê-se mais do que animado. E se olharmos para quem estará a agitar a cabine, a noite promete mesmo: DIDI é um dos nomes que sonhamos para um programa de djs perfeito, e, porque os sonhos se tornam realidade, lá estará! O resto do *line up* ainda é surpresa, não se pode desvendar; mas o que sim podemos revelar é que não vais querer perder esta festa. Palavra de honra.



Queer Porto 12

Festival Internacional de Cinema Queer

03-07.11.2026 | Batalha Centro de Cinema, Casa Comum (Reitoria da Universidade do Porto),
Passos Manuel, Cinema Trindade

Calendário de Sessões

	Terça 3 Tuesday	Quarta 4 Wednesday	Quinta 5 Thursday	Sexta 6 Friday	Sábado 7 Saturday
	Batalha Centro de Cinema – Sala 1				
16h30	Mouse				It's Dorothy
17h30			Acting Like Women + conversa		
19h00		Jim Queen		The Education of Jane Cumming	It Is Not the Homosexual Who Is Perverse, but the Society in which He Lives
21h30	Noite de Abertura Garance	Pequenas Tragédias	Bouchra	Du fioul dans les artères	Noite de Encerramento Seis Meses en el Edificio Rosa con Azul
	Batalha Centro de Cinema – Sala 2				
15h00				A Song Without Home	A Culinary Uprising: the Story of Bloodroot
17h00	Fucking Different Generations	Curtas Portuguesas 1	Mineshaft: the Cruising Murders	Curtas Portuguesas 2	Gays Against Guns
19h30	Mickey & Richard	Lesbian Lines	Something You Should Know About Me	What Will I Become?	
	Casa Comum (Reitoria da Universidade do Porto)				
18h00	Cinq regards	Mary Oliver: Saved by the Beauty of the World	Life Story + conversa		Un Hombre Libre
		Cinema Trindade			
		La Bola Negra (21h15)			
				Passos Manuel	
				Hunky Jesus + 21st Century Nuns (21h45)	
	Bar of Soap		Bar of Soap		Pérola Negra
	Welcome Party (22h - 01h)		Hunky Jesus Party (22h - 01h)		Closing Party (00h - 06h)

Competição Oficial

Competição Curtas-Metragens Portuguesas

Sessões Especiais

Queer Focus

Panorama

Resistência Queer

Noites no Passos

Festas

EVER
ROR
TO